



EMPRÉSTIMOS EM MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA: TERMOS DO INGLÊS EM COREANO E PORTUGUÊS

ANA PAULA SCHER* | RAQUEL GESQUI MALAGOLI**

RESUMO

Este artigo pretende analisar o fenômeno dos empréstimos segundo o modelo gerativista da Morfologia Distribuída (MD), visto que algumas características da gramática dos falantes podem ser esclarecidas pelo estudo desses dados. O aparato da MD é capaz de explicar esse fenômeno e suas propriedades de uma maneira bem elegante e condizente com as produções observadas. Nesse contexto, analisamos, principalmente, ocorrências de empréstimos do inglês nas línguas coreana e portuguesa, com o intuito de evidenciar a importância de um estudo dessa natureza fora de um viés lexicalista e/ou diacrônico, dado que a existência de empréstimos é um fenômeno extremamente produtivo e comum a todas as línguas. Dessa forma, nossa hipótese é a de que nossa faculdade da linguagem possui propriedades que explicam o funcionamento dessas formas emprestadas, não importando a tipologia das línguas em foco ou a relação que possam estabelecer entre si.

Palavras-chave: empréstimo, morfologia distribuída, raízes

ABSTRACT

This article analyzes loanwords according to the generative model of Distributed Morphology (DM), since many characteristics of the speakers' grammar, as well as of the elements that constitute it, can be explained by studying these words. The MD apparatus can explain this phenomenon and its properties in a very elegant and consistent way. In this context, we discuss the form and meaning of loanwords coming from English in Korean and Portuguese. As well as highlighting the facts that loanwords are common to all languages and their derivation seem to be very productive, we aim at calling the reader's attention to the importance of an investigation such as the one carried out here, which goes beyond the limits of a lexicalist and/or diachronic approach. Therefore, our hypothesis is that our language faculty has properties that explain these loanwords, their nature and derivation, regardless of the typology of the relevant languages or the relation established between them.

Keywords: loanwords, distributed morphology, roots

* Universidade de São Paulo, USP, Professora Livre-Docente. Pesquisadora do CNPq, com Bolsa de Produtividade, processo: 307481/2020-4; e-mail: anascher@usp.br.

** Universidade de São Paulo, USP, Pesquisadora em nível de Iniciação Científica; e-mail: raquel.malagoli@usp.br.

Nossos agradecimentos aos dois pareceristas anônimos que avaliaram este artigo por suas valiosas observações e sugestões para a melhoria de seu texto e da proposta aqui desenvolvida. Todas as sugestões foram analisadas com atenção e incorporadas ao texto de alguma forma. Também agradecemos a um dos editores deste volume, Maurício Resende, por sua leitura e comentários. Os problemas que permanecerem no texto são de nossa responsabilidade.

1 INTRODUÇÃO¹

O objetivo deste artigo é analisar o fenômeno dos empréstimos nas línguas naturais, segundo o modelo gerativista da Morfologia Distribuída (MD). Entendemos que os empréstimos podem evidenciar muitas características da gramática dessas línguas, bem como dos elementos que a constituem. O material empírico que embasou essa pesquisa foram ocorrências de empréstimos do inglês nas línguas coreana e portuguesa. Em coreano, casos de empréstimos em construções com verbos leves despertaram a nossa curiosidade. Em português, foram sentenças de natureza geral com formas emprestadas que chamaram nossa atenção.

Segundo *A History of the Korean Language* (2011), a língua coreana está repleta de empréstimos² nas mais diversas áreas, seja profissional, cultural etc. No entanto, percebe-se que as construções que envolvem empréstimos do inglês são as mais produtivas entre os falantes:

Mas é o inglês que está transformando a cara da língua. Na Coreia do Sul de hoje, a atitude em relação ao vocabulário em inglês é de “disponibilidade total” [...]. Praticamente qualquer palavra em inglês é válida, em conversas ou ensaios, na cultura sul-coreana. [...] A maior parte desses [...] usos são, sem dúvida, palavras novas, e a maioria terá uma meia-vida curta. Mas muitos também serão integrados à língua conforme a cultura global da Coreia se desenvolve. (LEE; RAMSEY, 2011, p. 305, nossa tradução)³

Muitos desses empréstimos ocorrem em predicados complexos com o verbo leve (VL) *ha*, como em (1):

- (1) Exemplos de empréstimo do inglês + VL *ha* no coreano^{4,5}:
- a. 어제 나는 컴퓨터(를) 했다.
 eoje na-neun **keompyuteo**(-reul) ha-ess-ta ‘computer’ (inglês)
 ontem eu-TOP computador(-ACU) fazer-PAST-DECL
 Eu usei o computador ontem.

1 Lista de abreviaturas que serão utilizadas nas glosas ao longo do trabalho: ACU (caso acusativo), DECL (declarativo), NEG (negação) PAST (passado), TOP (tópico).

2 Neste trabalho, a terminologia sob o rótulo *empréstimo* será revisitada e problematizada na seção 2. Antecipando o nosso recorte, entende-se aqui por empréstimos simplesmente palavras de outras línguas que são ocasionalmente utilizadas por um ou mais falantes nativos de uma mesma língua, diferente da língua do empréstimo.

3 No original: “*But it is English that is transforming the face of the language. In today’s South Korea the attitude toward English vocabulary is “total availability,” [...] Virtually any English word is fair game, in conversations or essays, in South Korean culture. [...] The majority of such [...] usages are undoubtedly nonce words, and most will have a short half-life. But many will also be integrated into the language as Korea’s emerging world culture develops.*”

4 Os exemplos da língua coreana foram criados pela coautora Raquel Gesqui Malagoli. Nossos agradecimentos à professora Jiyun Kim, docente da área de Língua e Literatura Coreana da habilitação em Coreano do curso de Letras da USP, por sempre conferir a boa formação das sentenças.

5 Essas construções se assemelham às construções com verbo leve (CVLs) em coreano, (cf. BAK, 2011).

- b. 어제 나는 드라이브(를) 했다.
eoje na-neun **deuraibeu**(-reul) ha-ess-ta 'drive' (inglês)
ontem eu-TOP passear de carro(-ACU) fazer-PAST-DECL
Eu dei uma volta de carro ontem.
- c. 나는 아침마다 스트레칭(을) 한다.
na-neun achim-mada **seuteureching**(-eul) ha-Ø-nda 'stretching' (inglês)
eu-TOP manhã-toda alongamento(-ACU) fazer-PRES-DECL
Eu faço alongamento toda manhã.
- d. 그녀는 터프하다.
keunyeo-neun **teopeu**-ha-Ø-da 'tough' (inglês)
ela-TOP durona/resistente-ser-PRES-DECL
Ela é durona.

Os exemplos apresentados em (1) sugerem algumas peculiaridades das construções com empréstimos: em (1)a temos a ocorrência do nome não eventivo, *computer*, em uma posição em que se espera um nome eventivo, de acordo com Bak (2011); em (1)b, na mesma posição, temos a ocorrência da forma ambígua *drive*, que, em inglês, pode ser um verbo (cf. *I drive to work everyday – Eu dirijo para o trabalho todos os dias*, em português) ou um nome (cf. *a short drive to the mountains – uma viagem curta para as montanhas*, em português); em (1)c, o termo emprestado ocorre com a presença da marcação morfológica de *-ing* em *stretching* e, em (1)d, ainda na mesma posição, temos um adjetivo como *tough* (rígido, rigoroso). Em todos os exemplos, a palavra emprestada é um nome em coreano. Ou seja, nesses casos, a categoria da palavra emprestada na língua de origem (LO) nem sempre se mantém na língua recipiente (LR).

Como ocorre em coreano, o português também está repleto de formas emprestadas da língua inglesa e exemplos como os que trazemos abaixo servirão de base para a nossa discussão.

- (2) a. *Deletei* o texto.
b. *Flodei* o grupo de mensagens.

Os exemplos em (2) não refletem de forma tão marcante o mesmo tipo de observações que fizemos sobre o coreano. Ainda assim, levantam questões interessantes. Nos dois casos, há dois verbos formados a partir de termos do inglês⁶. No primeiro caso, parece que

⁶ Maurício Resende nos apontou a relação entre *deletar* e o verbo latino “*delēo*” (“destruir”). Parece-nos, no entanto, que, sincronicamente, o falante de português não faz essa associação. Aubert e Módolo (2020), ao tratar da expressão *testar positivo/negativo*, em português, retomam aspectos históricos da palavra *testar*, afirmando que “tradicionalmente esse verbo apenas aparecia nos dicionários nos sentidos jurídicos de “legar em testamento” e de “dar testemunho”. Os autores acrescentam que “o substantivo cognato “teste” resistia como latinismo, significando “testemunha”, ademais “obsoleto” para Cândido de Figueiredo, já em 1899”. Dessa forma, o uso atual de *teste* em português “foi incorporado ao léxico no sentido de “exame”, provindo do inglês *test*, como avisa Laudelino Freire, em 1954 (...) em 1961, outro grande dicionarista, Antenor Nascentes, admitiu “testar” no sentido de “submeter a teste”. Isso nos leva a sugerir que o uso atual de *deletar* em português pode ter se popularizado por meio do inglês e, por esse motivo, estamos tratando essa forma como empréstimo do inglês.

estamos diante de um empréstimo simples com manutenção, na LR, da mesma categoria da LO. No segundo caso, no entanto, considerando-se a categoria da palavra na LO, há uma ambiguidade semelhante à que descrevemos para o dado em (1)c, do coreano.

Neste trabalho, avaliaremos a relevância dessas observações sobre as categorias desses empréstimos na LO e nas LRs. Os estudos sobre os empréstimos, em grande medida, analisam-nos sob uma perspectiva lexicalista (cf. MATRAS, 2008; HASPELMATH, 2009), isto é, com base em palavras e suas respectivas categorias estocadas no léxico da LO, pensando principalmente em quais tipos de palavras são normalmente emprestadas. Irwin (2016), por exemplo, organiza dados de empréstimos no japonês (LR) (cf. (3)), considerando as categorias que esses dados integram nesse sistema e as categorias e usos dos termos emprestados do inglês, a LO.

(3) Levantamento do étimo de palavras do inglês utilizadas com VL *suru* no japonês⁷:

Nome:	<i>harassment</i>	→ harasumeNto (suru) 'assediar'
Verbo:	<i>get</i>	→ geQto (suru) 'ganhar, marcar, obter'
Gerúndio:	<i>heading</i>	→ heQdiNgu (suru) 'acertar a bola com a cabeça'
Adjetivo:	<i>live</i>	→ raibu (suru) 'ao vivo'
Preposição:	<i>off</i>	→ ofu (suru) 'desligar (turn off)'
Abreviação:	<i>Q&A</i>	→ kyuuaNdoee (suru) 'Q&A (conduzir um Q&A)'
Interjeição:	<i>bye-bye</i>	→ baibai (suru) 'dizer tchau'

(adaptado de Irwin (2016, p. 167))

Em uma investigação de caráter descritivo, tal constatação pode ser, de fato, muito interessante. Mas se temos como objetivo investigar a gramática, ou seja, o conhecimento linguístico internalizado de um falante, o mais pertinente a ser feito é observar como esses empréstimos estão sendo assimilados pela LR para, então, serem usados de acordo com suas respectivas propriedades morfológicas e sintáticas.

Em vez de tomar o empréstimo do ponto de vista lexicalista ou diacrônico, este artigo o explora de forma sincrônica, tentando compreender tanto o funcionamento da gramática das línguas em foco quanto o que as faz permitir e viabilizar esse fenômeno. Assim, buscaremos respostas para as seguintes questões: i) o que exatamente emprestamos? ii) De que forma os empréstimos são recebidos na LR? iii) O que os empréstimos evidenciam sobre a estrutura das gramáticas envolvidas e sobre seus elementos constituintes?

Nossas respostas vão no sentido de dizer que, ao receber uma forma emprestada, as LRs recebem uma nova raiz para compor a sua Lista 1 (um dos componentes da gramática, segundo a MD, como veremos adiante). Assim, procuraremos caracterizar as raízes que surgem na LR por meio de empréstimo de outras línguas, sugerindo que elas não são incorporadas pela Lista 1 da LR com as mesmas semântica e/ou fonologia que a forma emprestada traz da LO. Isso poderá explicar a ocorrência de leituras idiomáticas ou

7 As marcações 'N' e 'Q' em maiúsculo indicam dois tipos especiais de moras no japonês, em contraposição com a mora simples (C)(G)V (ou seja, consoante, glide, vogal) (cf. IRWIN, 2016).

não composicionais para as formas emprestadas em LR, bem como a formação de novos paradigmas verbais, por exemplo, com os novos termos. São, portanto, fatos que corroboram a hipótese de Harley (2014) acerca das raízes, ou seja, que as raízes não são individualizadas por sua fonologia ou por sua semântica na Lista 1.

Dessa maneira, o artigo se estruturará da seguinte forma: na seção 2, revisaremos brevemente a literatura correspondente a empréstimos, para fundamentar as escolhas terminológicas feitas nesse contexto, e apresentaremos, sucintamente, o modelo da Morfologia Distribuída, que fundamentará a análise dos nossos dados, que virá na seção 3. Por fim, delinearemos nossa conclusão e contribuição para os estudos linguísticos, na seção 4.

2 A LITERATURA DOS EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS E O MODELO DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

Esta seção trará uma descrição breve para as definições propostas para termos relacionados a empréstimos na literatura, bem como uma rápida apresentação do modelo da Morfologia Distribuída. Os dois pontos teóricos embasarão a proposta que faremos em seguida.

As definições e diferenças entre o termo *empréstimo* e outros como *code-switching*, *estrangeirismo* etc. na literatura sobre o tema variam de autor a autor. Haspelmath (2009) define empréstimo lexical como “uma palavra que, em algum momento da história da língua, entrou no léxico como resultado de um empréstimo (ou transferência, ou cópia)” (HASPELMATH, 2009, p. 36, nossa tradução)⁸. Esses empréstimos lexicais, segundo os autores, são sempre palavras (no uso mais senso comum do termo) e são normalmente não analisáveis na LR, ou seja, a estrutura interna dessa palavra na LO é irrelevante para a LR. Por si só, o conceito de empréstimo implica uma noção diacrônica, visto que além de remeter a um processo que começa em determinado momento da língua e depois se espalha para toda a comunidade de fala, também estabelece uma oposição entre os termos emprestados e as palavras nativas, que existem desde os primórdios da língua (LEHMANN, 1962, p. 212 *apud* HASPELMATH, 2009, p. 38).

Já o fenômeno de *code-switching* é caracterizado como a alternância entre duas línguas no mesmo discurso, podendo ocorrer dentro de uma sentença ou até mesmo dentro de uma palavra. Ou seja, as produções dos falantes incluem elementos de dois códigos linguísticos. No entanto, Haspelmath (2009) ressalta que, quando se trata de uma única ocorrência de uma palavra de uma língua entre outras de outra língua, fica difícil determinar se estamos frente a um caso de empréstimo ou de *code-switching*. Um caminho que pode ser seguido é averiguar se a palavra do outro código que está sendo utilizada faz parte do léxico mental do falante: pensando em toda a comunidade de fala, o autor diz que se a palavra é usada

⁸ No original: “a word that at some point in the history of the language entered its lexicon as result of borrowing (or transfer, or copying).”

convencionalmente, então se trata de um empréstimo e, portanto, é parte do léxico mental. Outro critério que pode ser considerado é a não adaptação fonológica ou morfológica do termo emprestado: em tais casos, o fenômeno é visto como *code-switching*, não fazendo parte do léxico mental do indivíduo.

Finalmente, observando os estudos em língua portuguesa, Botta (2020) analisa o uso e a conceituação dos termos *empréstimo* e *estrangeirismo* na tradição linguística. A importação de unidades lexicais de outros sistemas linguísticos é um dos processos que se enquadram no processo maior de neologismo, e é um mecanismo comum de enriquecimento do acervo lexical de uma língua. Na distinção entre esses termos, a autora retoma Guilbert (1973), para quem é “o fenômeno de adaptação ao novo código que caracteriza o novo empréstimo, mais que a forma estrangeira” (GUILBERT, 1973, p. 23, *apud* BOTTA, 2020, p. 152) e Alves (1988) que, por sua vez, contrapõe empréstimo ao termo estrangeirismo delineando que este só se torna aquele quando “não mais for sentido como estranho ao sistema da língua [...]” (ALVES, 1988, p. 3, *apud* BOTTA, 2020, p. 152). Alves também considera a frequência da palavra emprestada como um critério para aceitabilidade na língua portuguesa, mesmo quando empregado na sua forma nativa (ALVES, 1984, p. 124-125 *apud* BOTTA, 2020, p. 152). Além disso, há ainda o uso de estrangeirismos que não se fixam na LR e, portanto, não se configuram como empréstimos (BOTTA, 2020, p. 152).

Levando esses recortes em consideração, percebe-se que as definições por trás destes fenômenos foram moldadas por conceitos lexicalistas, visto que têm foco na internalização de palavras no léxico da comunidade de fala, além do sentimento que essa comunidade apresenta diante desses usos, ou seja, se são estranhos ou não. Outro ponto é a própria diacronia que caracteriza esse processo e a terminologia decorrente dela, sendo relevante para essas definições a oposição entre uso individual *versus* uso da comunidade. No entanto, a análise do empréstimo focada em aceitabilidade, internalização no léxico ou uso generalizado pela comunidade deixa de considerar sua grande produtividade e criatividade. Haspelmath (2009), por exemplo, diz que empréstimos começam como inovações na fala, assim como outros casos de mudança da língua, e por isso, o processo de propagação é gradual (HASPELMATH, 2009, p. 41).

Isso posto, talvez o que nos interesse não seja necessariamente quando um empréstimo passa a ser aceito, reconhecido ou utilizado por toda a comunidade de fala, mas sim o que, na gramática internalizada do falante, viabiliza esses usos. Portanto, independentemente de ser um caso isolado, isto é, o uso de uma palavra estrangeira que não é difundida por todos os falantes da LR, ou um caso em que este uso já está bem disseminado na LR, supõe-se que o processo de apropriação e adaptação deverá ser o mesmo em ambas as situações. Por tal motivo, utilizaremos o termo “empréstimo” para todos os casos ao longo do trabalho. Para entender este fenômeno, vamos utilizar o arcabouço teórico gerativista, cujo foco é justamente descrever o conhecimento linguístico dos falantes. Neste estudo, o modelo gerativista que servirá de base para essa análise é o da Morfologia Distribuída (MD), que será apresentado a seguir.

Para a Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993; EMBICK, 2015; FIGUEIREDO SILVA; MEDEIROS, 2016; SCHER, 2017; entre outros), tanto a formação de palavras quanto a construção de sentenças se dão no componente sintático, isto é, não há uma divisão entre esses dois processos na gramática, como propõem a tradição gramatical e modelos lexicalistas de análise linguística. Assim, processos de formação de palavras, sejam eles derivacionais ou flexionais, estão sujeitos a operações sintáticas como *merge* (concatenação). Esse pressuposto revela um aspecto inovador do modelo, nomeadamente, o fato de que a arquitetura da gramática não dispõe de um componente lexical gerativo: os elementos formadores de palavras e sentenças estão distribuídos em três listas, conforme a figura 1, adiante.

A Lista 1, de caráter não gerativo, reúne primitivos sintáticos, tais como raízes – $\sqrt{\text{GAT}}$, $\sqrt{\text{VEND}}$ – e traços morfossintáticos – [-plural], [+passado], *v*, *a*, etc. –, desprovidos de fonologia. Com esses elementos, essa lista alimenta a sintaxe, que os concatena de acordo com regras sintáticas relevantes. O modelo não assume um estoque de palavras distribuídas em classes no léxico mental do falante, mas requer que as raízes sejam concatenadas a traços categorizadores, como *v* ou *a*, por exemplo, no espaço de derivação sintática⁹. Decorre disso que uma mesma raiz pode participar da derivação de palavras de diferentes categorias, dependendo do traço morfossintático categorizador ao qual ela puder se associar:

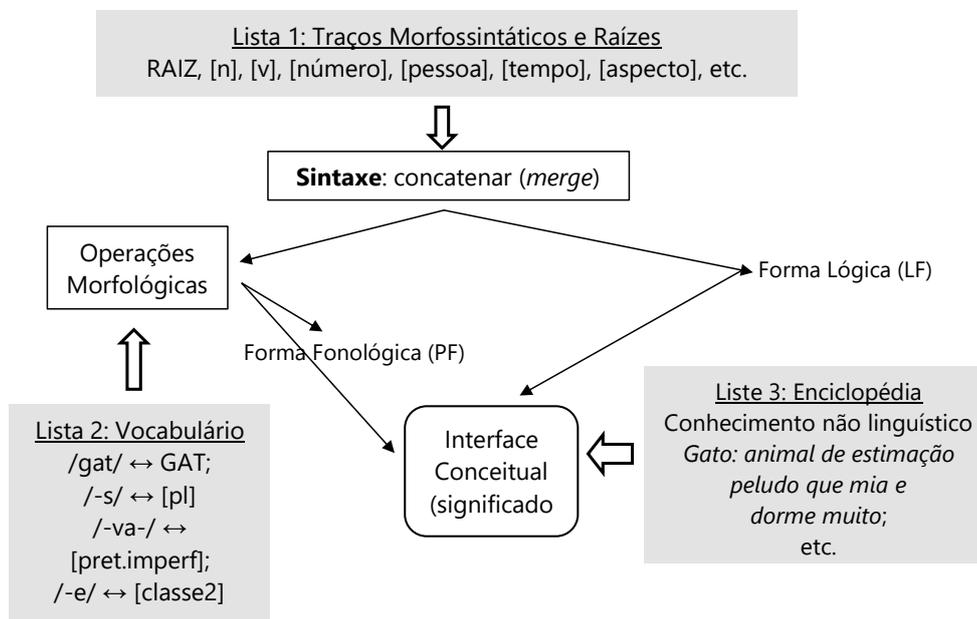
(4) Formação de um verbo e de um nome a partir da raiz $\sqrt{\text{JOG}}$:



A Lista 2 denomina-se Vocabulário e consiste dos Itens de Vocabulário (IVs), regras de instrução para a atribuição de expoentes fonológicos aos nós terminais que a sintaxe gera a partir dos componentes da Lista 1. No português, por exemplo, temos que o IV padrão para [+plural] é /s/ ↔ [+pl]. Essa instrução associa a fonologia /s/ à derivação sintática que contiver o traço [+pl]. Assim, um IV contextualiza a inserção da fonologia /-s/, informando que ela é compatível com o traço morfossintático de plural [+pl] e viabilizando a sua inserção nesse contexto.

Por último, a Lista 3, também conhecida como Enciclopédia, é responsável por abrigar a interpretação das expressões linguísticas do ponto de vista do conhecimento de mundo do falante.

⁹ Conforme a Assunção de Categorização, definida por Embick e Marantz da seguinte forma: "Raízes não podem aparecer (não podem ser pronunciadas ou interpretadas) sem serem categorizadas; elas são categorizadas por meio de concatenação sintática com núcleos funcionais definidores de categoria". No original: "Roots cannot appear (cannot be pronounced or interpreted) without being categorized; they are categorized by merging syntactically with category-defining functional heads." (EMBICK; MARANTZ, 2008, p. 6)

FIGURA 1: REPRESENTAÇÃO DA ARQUITETURA DA GRAMÁTICA EM MD

Fonte: adaptado de Silva e Medeiros (2016, p. 112).

É importante ressaltar, entretanto, que há divergências acerca da natureza dos elementos que compõem a Lista 1, bem como sobre a natureza fonológica ou semântica das raízes e dos elementos funcionais. Para Embick (2015), os elementos funcionais são compostos por traços sintático-semânticos e não possuem informação fonológica (apenas recebem essa informação em PF, com a Inserção de Vocabulário), ao passo que raízes possuem uma representação fonológica subjacente, mas não possuem traços sintático-semânticos. Harley (2014) diverge de Embick e defende que raízes não são objetos sintáticos excepcionais; pelo contrário, são objetos sintáticos comuns, sujeitos a inserção tardia e competição, assim como os elementos funcionais. Sua argumentação se baseia nos seguintes pontos: i) a ausência de fonologia na raiz evita a estipulação de um aparato que aplique regras fonológicas bastante complexas para os casos de supleção: a identificação da fonologia que realiza a raiz depende do contexto sintático em que a raiz se encontra; ii) quanto à semântica, Harley sustenta sua hipótese de semântica zero para as raízes remetendo às raízes triconsonantais do hebraico, a palavras do inglês com os morfemas *-ceive*, *-here*, *-port*, etc, ou, ainda a expressões idiomáticas, em que os significados só ficam evidentes dentro de um ambiente sintático maior.

Na próxima seção, analisaremos alguns dados de empréstimos para responder as questões levantadas na seção 1 do nosso trabalho, contrapondo análises baseadas em um viés lexicalista com a nossa, fundamentada na MD.

3 ANÁLISE DOS EMPRÉSTIMOS

Trazemos abaixo um relato de nossa investigação sobre os empréstimos em coreano e português, destacando as respostas sugeridas para as nossas perguntas: i) o que exatamente emprestamos? ii) De que forma os empréstimos são recebidos na LR? iii) O que os empréstimos evidenciam sobre a estrutura das gramáticas envolvidas e sobre seus elementos?

3.1 EMPRESTAMOS PALAVRAS E AS ARMAZENAMOS COMO RAÍZES

A observação dos pares de dados nos exemplos em (5)a,b e (5)c,d sugere que as construções com o VL *ha* no coreano são bem formadas se seus complementos exibem a sequência *-ing*, típica da morfologia nominal do inglês (LO, neste caso); caso contrário, a formação é agramatical.

- (5) Empréstimos de palavras do inglês com *-ing* na língua coreana¹⁰:
- a. 나는 저녁마다 조깅을 한다.
na-neun jeonyeok-mada **joging**-eul ha-Ø-nda 'jogging' (inglês)
eu-TOP noite-toda corrida-ACU fazer-PRES-DECL
Eu caminho toda noite.
 - b. na-neu jeonyeok-mada ***jogeu**-rul ha-Ø-nda 'jog' (inglês)
eu-TOP noite-toda corrida-ACU fazer-PRES-DECL
Eu caminho toda noite. (interpretação pretendida)
 - c. 그가 그 은행 컴퓨터를 해킹했다.
keu-ga keu eunhaeng keompyuteo-reul **haeking**-ha-ess-ta
ele-SUJ aquele banco computador-ACU invadir-fazer-PAST-DECL
'hacking' (inglês)
Ele invadiu/hackeou o computador daquele banco.
 - d. keu-ga keu eunhaeng keompyuteo-reul ***haekeu**-ha-ess-ta
ele-SUJ aquele banco computador-ACU invadir-fazer-PAST-DECL
'hack' (inglês)
Ele invadiu/hackeou o computador daquele banco. (interpretação pretendida)

Em outras palavras, é possível assumir que termos derivados do inglês, tais como *jogging* e *hacking*, entram na língua coreana como um único bloco, uma vez que, se desmembrados de acordo com a morfologia de LO, resultam em formações agramaticais para os falantes da língua.

10 Agradecimentos à colega do Coreano-USP Juliane Ferreira da Silva Santos, e ao colega do GREMD (Grupo de estudos em Morfologia Distribuída - <https://gremd.ffch.usp.br/>) João Pedro Boechat, por nos ajudarem na consulta com falantes nativos.

Fenômeno semelhante pode ser observado no dado em (6), uma forma truncada da língua japonesa:

- (6) Palavras emprestadas do inglês e realizadas como formas truncadas na língua japonesa:
ma.n.ne.ri.zu.mu > *manneri* 'mannerism' (inglês)
 maneirismo

(adaptado de Daniel (2018, p. 75))¹¹

Nesse caso, o truncamento revela a opacidade do morfema *-ism* do inglês, visto que exhibe somente a fonologia /-i/, que constitui apenas uma parte do morfema do inglês. A relevância dessa observação está no fato de que, no japonês, o truncamento é sensível à presença de morfemas e tende a não deixar partes deles na forma truncada, sempre considerando as fronteiras morfológicas (cf. DANIEL, 2018, p. 75). Em outras palavras, um morfema presente na forma plena não é repartido de modo a aparecer de maneira incompleta na forma resultante do truncamento. Em virtude de o morfema *-ism* da LO ser ignorado nesse processo, tem-se, mais uma vez, a sugestão de que o empréstimo constitua um único bloco na derivação, isto é, de que ele entre na LR como um único morfema.

A questão que se coloca agora é: qual é a natureza desse morfema que entra nas LRs através do empréstimo? Trata-se de uma raiz ou de uma palavra monomorfêmica já categorizada¹²? Como veremos adiante, a análise dos dados nos levou à proposta de que, embora esse morfema seja recebido na LR como uma palavra, o estatuto dessa palavra na LO não está acessível para LR, o que faz com ele seja armazenado como raiz na Lista 1 dessa LR.

Os pressupostos do modelo da MD nos permitem sugerir que, nos exemplos bem formados do coreano, em (5)a,c, e no exemplo do japonês, em (6), as palavras emprestadas *jogging*, *hacking*, por um lado, e *mannerisumu*, por outro, tenham se formado por meio de um processo sintático que toma um morfema raiz e o concatena a um traço categorizador *n*. Nossa proposta é a de que esse morfema raiz é, exatamente, a forma que foi emprestada do inglês para as duas línguas, o coreano e o japonês, e nossos argumentos em favor dessa proposta vêm a seguir.

Para construir nosso primeiro argumento, retomamos a afirmação de Haspelmath (2009), de que as palavras emprestadas de outras línguas não são analisáveis na LR. Isso significa que, quando emprestamos uma palavra, toda a morfologia nela presente, e originada de acordo com a gramática da LO, se torna opaca para os falantes da LR. Assim, nenhum dos processos pelos quais as palavras *jogging*, *hacking* e *mannerism* possam ter passado em inglês, a LO, até o momento em que são emprestadas pelo coreano e pelo japonês, as LRs, estará disponível para os falantes dessas últimas. Sem acesso à estrutura do termo emprestado e, portanto, sem informações sobre a categoria original desse termo, a LR recebe uma palavra que a sua Lista 1 precisa incorporar como uma unidade morfológica que tem o estatuto de uma nova raiz e para a qual ela ainda terá de atribuir uma categoria, já que essa informação não está acessível para LR.

¹¹ Agradecimento ao colega do GREMD João Pedro Boechat, que nos indicou o texto.

¹² Agradecemos ao um dos pareceristas por levantar esta questão, motivando a discussão que vem a seguir.

Os dados em (5)a,c talvez até pudessem sugerir que o coreano empresta a palavra do inglês, com toda a sua morfologia, ou seja, raiz mais a categorização (evidenciada pela marca *-ing*). Isso se justificaria pela má-formação de (5)b,d, em que essa morfologia não está presente. No entanto, isso não garante o acesso, por LR, das informações estruturais trazidas de LO. Além disso, empréstimos como (5)a,c não são sistemáticos no coreano, como mostra o exemplo em (1)b, repetido em (7).

- (7) Repetindo o exemplo em (1)b:
 어제 나는 드라이브(를) 했다.
 eoje na-neun **deuraibeu**(-reul) ha-ess-ta 'drive' (inglês)
 ontem eu-TOP passear de carro(-ACU) fazer-PAST-DECL
 Eu dei uma volta de carro ontem.

Nesse exemplo, o termo emprestado não é *driving*, mas *drive*, que, como vimos, pode ser nome ou verbo na LO. Se a estrutura de *drive* é opaca para o coreano não é possível identificar qual palavra foi emprestada do inglês: se o nome ou o verbo. Assim, parece lógico supor que essas palavras da LO precisem ser incorporadas como raízes pela Lista 1 das LRs que se concatenarão ao traço categorizador *n* ao entrarem na derivação relevante. Depois de categorizadas em LR, no espaço derivacional, elas podem ser acrescidas de outros morfemas, tais como Caso, por exemplo.

O dado em (8) nos possibilitará construir o nosso segundo argumento em favor do estatuto de raiz em LR para um morfema emprestado. Trata-se do empréstimo do adjetivo *over*, que significa *excessivo* no inglês, para o coreano. A marca de caso acusativo associada à forma emprestada em (8), no entanto, evidencia o seu caráter nominal na LR: *obeo* é um nome nesta CVL do coreano.

- (8) Uso de *over* em uma CVL da língua coreana¹³:
 오버(를) 하다
obeo(-reul) hada 'over' (inglês)
 excessivo(-ACU) fazer
 Exceder

O tratamento da forma emprestada como palavra monomorfêmica já categorizada, cujo estatuto adjetival fosse reconhecido pela gramática do coreano, requereria um passo a mais na derivação da CVL nessa língua, nomeadamente, a recategorização desse adjetivo que veio da LO em uma forma nominal. A aplicação desse tratamento aos dados em (1) e (8) implica que os empréstimos observados nas CVLs com *ha* estão todos sendo categorizados por um nominalizador *n*, de expoente fonológico nulo, como nas sugestões de estruturas sintáticas em (9).

13 Nossos agradecimentos aos informantes coreanos que avaliaram a boa formação dessa construção, entrevistados durante o intercâmbio realizado pela autora Raquel Gesqui Malagoli, e à Comissão de Cooperação Internacional da FFLCH-USP, que possibilitou este intercâmbio (Edital 1409 - Edital Unificado FFLCH - Mobilidade Internacional para alunos de graduação (1º 2022) e Edital 1518/2022 - Programa de bolsas de intercâmbio para alunos de graduação USP 2022).

- (9) Estrutura sintática dos empréstimos que permitem partícula do acusativo:
- a. 컴퓨터(를) 하다
keompyuteo(-reul) hada 'computer' (inglês)
 computador(-ACU) fazer
 usar o computador
 Estrutura sintática: [[[√keompyuteo] Ø]_n ha]_v
 - b. 드라이브(를) 하다
deuraibeu(-reul) hada 'drive' (inglês)
 passear de carro(-ACU) fazer
 passear/dar uma volta de carro
 Estrutura sintática: [[[√deuraibeu] Ø]_n ha]_v
 - c. 스트레칭(을) 하다
seuteureching(-eul) hada 'stretching' (inglês)
 alongamento(-ACU) fazer
 fazer alongamento
 Estrutura sintática: [[[√seuteureching] Ø]_n ha]_v
 - d. 오버(를) 하다
obeo(-reul) hada 'over' (inglês)
 excessivo(-ACU) fazer
 exceder
 Estrutura sintática: [[[√obeo]Ø]_n ha]_v

A principal evidência para defender que os empréstimos são categorizados como *n* vem da possibilidade ocorrência de uma partícula de caso acusativo *-eul/-reul* junto a essas palavras, já que essas partículas são tipicamente anexadas a *n*, e não a qualquer outra categoria.

Quanto ao caso do empréstimo formar um predicado complexo com o sentido de 'be', como em (1)d, apesar de não ser possível afixar partículas de acusativo no complemento do VL nesses casos, segundo Bak (2011), nenhuma outra categoria além de *n* pode ocorrer nesta posição sintática no coreano.

- (10) Características das CVLs do Coreano:
- a. As CVLs no coreano são restritas ao tipo N + VL (verbo leve). [...]
 - b. O complemento nominal deve ser um nome eventivo ou possuir o traço [eventualidade].
 - c. O complemento nominal pode exibir uma partícula de caso acusativo quando a CVL for interpretada como um verbo transitivo ou inergativo. [...]

(adaptado de Bak (2011, p. 20-21, tradução nossa))¹⁴

¹⁴ No original: "Characteristics of Korean LVCs:

a. The LVC in Korean is restricted to the N+LV type. [...]

Em suma, sendo verbo, substantivo ou adjetivo no inglês, essas palavras nas CVLs do coreano passarão a ser categorizadas por *n*¹⁵.

3.2 RAÍZES INCORPORADAS PELA LISTA 1 DE LR POR MEIO DE EMPRÉSTIMOS: SEMÂNTICA E FONOLOGIA

Se estamos lidando com raízes resultantes de formas emprestadas, será importante investigar o que os empréstimos revelam sobre o estatuto da raiz na mente dos falantes. Uma primeira possibilidade é que os empréstimos levem consigo, de LO para LR, a fonologia e a semântica da palavra emprestada. Analisaremos a pertinência dessa possibilidade considerando a comparação entre as palavras na LO e em LR, para, em seguida analisá-las na LR, isoladamente, contemplando, em cada etapa, os aspectos semântico e fonológico das raízes das palavras emprestadas.

Começando pelo aspecto semântico, vamos utilizar como base os conceitos de *empréstimos culturais* e *core borrowings* (HASPELMATH, 2009). Os primeiros concernem a novos conceitos que vêm de fora e são implementados em LR, e os últimos são empréstimos que duplicam significados para quais já existe uma palavra na LR.

Tomando o português como LR, é possível identificarmos *mouse* e *croissant*, originários, respectivamente, do inglês e do francês, como empréstimos culturais, pois são termos que nomeiam referências para as quais não existiam palavras correspondentes na LR. Além disso, a referência do empréstimo é a mesma em LO e em LR, ou seja, a semântica do empréstimo se mantém. Isso poderia nos levar a conclusão de que a raiz da palavra emprestada deve corresponder a uma única semântica em LO e LR.

No entanto, o trabalho de Pederneira, Aquino e Lemle (2021), sobre empréstimos no português, nos mostra como muitas vezes renegociamos o significado dos empréstimos no português: *outdoor* significa “ao ar livre” e é usado como adjetivo no inglês (LO), tal como em *outdoor restaurant* (restaurante ao ar livre); mas em português (LR) o empréstimo do adjetivo é tomado como nome, significando “cartaz de rua”, semântica essa inexistente para a palavra na LO (PERDENEIRA; AQUINO; LEMLE, 2021, p. 519).

Em outros casos, ainda tomamos um dos significados possíveis da palavra na LO, como por exemplo, *feeling*, que, no inglês, podemos entender como “sentimento, sensibilidade, pressentimento”, e em português é utilizado como “pressentimento” apenas (PERDENEIRA; AQUINO; LEMLE, 2021, p. 515-516). Note que este último caso

b. *The nominal complement should be an event noun or hold the feature “eventuality”.*

c. *The nominal complement maybe affixed with an accusative case particle when the LVC is interpreted as a transitive verb or an unergative verb. [...]”.*

15 Ainda é preciso averiguar a questão da eventividade dessas palavras. Supomos que essa não seja mais uma condição necessária para as CVLs na língua coreana.

parece se enquadrar no conceito de *core borrowings*, pois já há uma palavra na LR que designa o mesmo significado do empréstimo.

Ou seja, comparando as palavras em LO e LR, elas podem exibir a mesma semântica ou ainda possuir semânticas diferentes, uma mais limitada que a original, ou ainda uma que nem a original contemplava. Isso aponta para o fato de que o significado que o termo emprestado tem na LO não fica preso à raiz que é incorporada pela Lista 1 da LR, e existe todo um campo possível de reflexão sobre como a raiz na LR pode ter seu conteúdo semântico (re)definido.

Em relação aos *core borrowings*, uma hipótese a ser explorada seria a de que esses empréstimos podem constituir outras realizações fonológicas (alomorfes) de uma raiz, já que podem ocorrer no lugar de palavras que já existem na LR, visto que têm o mesmo significado. No entanto, isso não parece corresponder à realidade dos fatos, como sugerem os exemplos em (11) e (12):

- (11) a. Deletei o texto.
 b. Apaguei o texto.
 c. ?Deletei o texto com borracha.
 d. Apaguei o texto com borracha.
- (12) a. Flodei o grupo de mensagens.
 b. Enchi o grupo de mensagens.
 c. Flodei o grupo.
 d. ?Enchi o grupo.

Embora *apagar/deletar*, por um lado, e *flodar/encher*, por outro, ocorram em algumas construções idênticas com o mesmo significado, a saber, “excluir, desfazer”, para o primeiro par, e “lotar”, para o segundo (cf. (11)a,b e (12)a,b), em outros contextos, também idênticos, a leitura final não é a mesma, e sentenças como (11)c e (12)d não são nem aceitas pelos falantes. Portanto, parece tratar-se de raízes diferentes, cada delas se revelando mais adequada que a outra nos contextos relevantes (*deletar* e *flodar* implicam uma leitura tecnológica, informática, que *apagar* e *encher* não têm).

Podemos falar em dois verbos em cada caso: *apagar* e *deletar*, além de *encher* e *flodar*. Em casos de alomorfia, o que temos é um único verbo que pode ter suas formas realizadas por meio de sequências fonológicas com segmentos ou grupos de segmentos distintos dos da raiz. O verbo *dizer*, por exemplo, formado pela $\sqrt{\text{DIZ}}$, pode ter suas formas realizadas como *dig-* ([‘digʊ]), *diz-* ([‘di‘zemʊs]), *dis-* ([‘disi]), *dir-* ([‘di‘ra]) ou *dit-* ([‘ditʊ]). Esse não é o caso de *deletar* ou *flodar*, que têm seu próprio paradigma e não constituem apenas algumas das formas dos paradigmas de *apagar* e *encher*, respectivamente.

- (13) Os diferentes paradigmas de $\sqrt{\text{FLOD}}$ e $\sqrt{\text{ENCH}}$
- a. $\sqrt{\text{FLOD}} + v = \text{flodar}$ (paradigma da 1ª conj.)
 b. $\sqrt{\text{ENCH}} + v = \text{encher}$ (paradigma da 2ª conj.)

Dessa forma, vamos tratá-los como verbos diferentes, derivados de raízes diferentes, que são incorporadas pela Lista 1 de LR, a partir dos empréstimos de *delete* e *float*.

Assim, a observação das propriedades semânticas das formas emprestadas de uma LO para uma LR nos mostrou que as novas formas podem constituir empréstimos culturais (introduzindo novos conceitos em LR) ou *core borrowings* (duplicando significados para quais já existe uma palavra na LR). Esses mesmos aspectos nos sugerem, ainda, que o empréstimo implica o acréscimo de novas raízes à Lista 1 de LR, já que essas raízes podem derivar palavras com significados que nem estão disponíveis em LO. Além disso, as formas verbais dos novos verbos, apesar de seus significados semelhantes aos significados de formas verbais de verbos já existentes na LR, não constituem formas alomórficas de verbos existentes.

No que diz respeito aos aspectos fonético-fonológicos dos termos emprestados, nota-se uma adaptação na produção dessas palavras em LR, ainda que a base seja a fonologia de LO. Ou seja, ao ingressar em LR, os termos emprestados e, por consequência, suas raízes passam a ser regidos pelas regras fonológicas de LR, que determinarão a pronúncia da nova raiz, de acordo com o ambiente morfofonológico em que ela se encontrar. Isso aponta para o fato de que a fonologia dessa raiz que passa a compor a Lista 1 da LR parece não estar presa à forma que vem de LO e, conseqüentemente, à própria raiz. Em (14), por exemplo, é possível identificar duas realizações fonológicas distintas $\sqrt{\text{DELET}}$, a raiz que passa a compor a Lista 1 do português, a partir do empréstimo de *delete*:

- (14) As diferentes realizações de $\sqrt{\text{DELET}}$:
- | | | |
|-----------------------|-------------------|--|
| $\sqrt{\text{DELET}}$ | \leftrightarrow | /delet-/ / [[____] -ar] _v |
| | \leftrightarrow | /dele-/ / [[____] -ção] _n |

Os dados em (14) mostram a influência do contexto sintático na definição da forma fonológica da raiz. Esses dados corroboram nossa hipótese de que as formas emprestadas não constituem alomorfes de formas já existentes na língua, uma vez que a própria forma emprestada poderá exibir contextos de alomorfia. Dessa forma, de modo paralelo ao que apontamos para a interpretação semântica da raiz, podemos sugerir que sua fonologia não esteja atrelada a ela desde a Lista 1, já que contextos morfossintáticos podem indicar a maior adequação de uma ou de outra forma fonológica.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar empréstimos sob a ótica da MD leva a discussão sobre a natureza da raiz a um novo patamar. Para justificar essa afirmação, retomemos nossas perguntas outra vez: i) o que exatamente emprestamos? ii) De que forma os empréstimos são recebidos na LR? iii) O que os empréstimos evidenciam sobre a estrutura das gramáticas envolvidas e seus elementos?

Pudemos demonstrar que a LR toma como um bloco a palavra emprestada da LO, tomada como monorfêmica, e a insere em sua Lista 1 como uma nova raiz, que passa a se comportar com qualquer outra raiz dessa língua, requerendo categorização ao entrar na derivação.

Além disso, os dados de empréstimo corroboram a hipótese de Harley (2014) acerca das raízes, pois aquelas que são incorporadas pela Lista 1 da LR por meio desse fenômeno não possuem semântica ou fonologia atreladas a elas. O estudo dos empréstimos sob a ótica da MD ilumina, portanto, a discussão sobre natureza das raízes, contribuindo para a compreensão do funcionamento da gramática, bem como dos elementos que a constituem.

O empréstimo, como muitos autores apontam, tem uma relação estreita com o bilinguismo, ou seja, o ato de emprestar palavras de outras línguas emerge pelo contato anterior entre essas línguas. Seguindo Burkholder (2018) e assumindo que o falante bilíngue possui listas distribuídas separadamente para cada língua e que uma língua não é inibida quando a outra é utilizada, podemos pressupor que o falante, ao optar por um código, pode ainda acessar os elementos que dizem respeito ao outro código (BURKHOLDER, 2018, p. 7)¹⁶, recuperar um dado dessa língua e usá-lo de forma inovadora e criativa na derivação da outra, promovendo o item emprestado a uma nova raiz do repertório de LR.

Essa ideia aliada à MD contempla de forma elegante e sucinta a maneira como podemos recorrer sem maiores problemas a línguas de tipologias diferentes para realizarmos o empréstimo, pois as novas raízes que ingressam na língua por essa via serão utilizadas conforme a gramática da LR.

Analisar o processo de empréstimo dentro de um modelo gerativista se mostrou relevante por evidenciar algumas características da gramática internalizada do falante, bem como de um elemento essencial a ela: a raiz. O empréstimo é um processo por si só criativo, podendo associar novos significados ao termo emprestado em LR, e produtivo, visto que é um recurso pertinente a todas as línguas. Dessa forma, requer estudos que levem em conta a sua natureza sincrônica, mas que também se ocupem de suas características cognitivas que podem revelar ou elucidar muitos aspectos do funcionamento da linguagem humana. Espera-se que futuras pesquisas continuem se engajando na maior compreensão do processo de aprendizagem e contato entre duas línguas, levando em conta nosso aparato gramatical e aliando modelos de gramática a teorias acerca de bilinguismo e de aquisição de segunda língua.

¹⁶ Também de acordo com nota de rodapé no artigo de Burkholder: "Supõe-se que a associação ao idioma é uma propriedade psicologicamente emergente que permite a separação funcional das duas línguas de um bilíngue, de modo que a ativação (de uma, da outra ou de ambas) seja gerenciada por meio de mecanismos de controle cognitivo. É importante ressaltar que o sistema computacional não vê a associação ao idioma como um recurso formal." (2018, p. 7, nossa tradução).

REFERÊNCIAS

ALVES, Leda Maria. A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português. *Alfa*, São Paulo, n. 28 (supl.), p. 119-126, 1984.

ALVES, Leda Maria. Empréstimos lexicais na imprensa política brasileira. *Alfa*, São Paulo, n. 32, p. 1-14, 1988.

AUBERT, Eduardo Henrik; MÓDOLO, Marcelo. Quem testa positivo foi contaminado por estrangeirismo? *Jornal da USP[online]*, São Paulo, 8 mai. 2020. Artigos. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=320977>. Acesso em: 1 jun. 2022.

BAK, Jaehee. *The light verb construction in Korean*. 2011. Tese (Doctor of Philosophy) — University of Toronto, Toronto, 2011. Disponível em: <https://tspace.library.utoronto.ca/?refresh=true>. Acesso em: 12 jun. 2022.

BOTTA, Mariana Giacomini. Breve estudo sobre os usos dos termos empréstimo e estrangeirismo na tradição linguística em língua portuguesa. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 45, n. 82, p. 150-159, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/>. Acesso em: 12 jun. 2022.

BURKHOLDER, Michèle. Language mixing in the nominal phrase: Implications of a distributed morphology perspective. *Languages*, v. 3, n. 2, p. 1-28, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/324490308_Language_Mixing_in_the_Nominal_Phrase_Implications_of_a_Distributed_Morphology_Perspective. Acesso em: 12 jun. 2022.

DANIEL, Adam D. *Clipping as Morphology: Evidence from Japanese* (Unpublished master's thesis). University of Calgary, Calgary, AB, 2018. Disponível em: https://prism.ucalgary.ca/bitstream/handle/1880/106310/ucalgary_2018_daniel_adam.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 11 jun. 2022.

EMBICK, David. *The morpheme: a theoretical introduction*. Berlin, München, Boston: De Gruyter Mouton, 2015.

EMBICK, David, MARANTZ, Alec. Architecture and Blocking. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, MA, v. 39, n. 1, p. 1-53, 2008.

FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina; MEDEIROS, Alessandro Boechat de. *Para conhecer Morfologia*. São Paulo: Contexto, 2016.

GUILBERT, Louis. Théorie du néologisme. *Cahiers de l'Association internationale des études françaises*, n. 25, p. 9-29, 1973. Disponível em: <https://www.persee.fr/collections>. Acesso em: 12 jun. 2022.

HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. *A Morfologia Distribuída e as peças da flexão*. Tradução de Beatriz Pires Santana e Maurício Resende. Curitiba: Editora UFPR, 2020 [1993].

HARLEY, Heidi. On the identity of roots. *Theoretical linguistics*, v. 40, n. 3-4, p. 225-276, 2014.

HASPELMATH, Martin. Lexical borrowing: Concepts and issues. In: HASPELMATH, Martin; TADMOR, Uri. *Loanwords in the world's languages: a comparative handbook*. Berlin, New York: De Gruyter Mouton, 2009.

IRWIN, Mark. The morphology of English loanwords. In: KAGEYAMA, Taro; KISHIMOTO, Hideki. *Handbook of Japanese lexicon and word formation*. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2016. v. 3, cap. 5, p. 161-198.

JUNG, Hyun Kyoung. On the verbalizing suffixes in Korean and their implications for syntax and semantics. *Lingua*, v. 179, p. 97-123, 2016. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0024384116300468>. Acesso em: 11 jun. 2022.

LEE, Ki-Moon; RAMSEY, S. Robert. *A history of the Korean language*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2011.

LEHMAN, Winfred P. *Historical linguistics: An introduction*. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1962.

MATRAS, Yaron. The borrowability of structural categories. In: MATRAS, Yaron; SAKEL, Jeanette (eds.). *Grammatical Borrowing in Cross-Linguistic Perspective*. Berlin, New York: De Gruyter Mouton, p. 31-74, 2008. <https://doi.org/10.1515/9783110199192.31>. Disponível em: [http://languagecontact.humanities.manchester.ac.uk/YM/downloads/Matras,%20Y.%20\(2007\)%20The%20borrowability%20of%20structural%20categories.pdf](http://languagecontact.humanities.manchester.ac.uk/YM/downloads/Matras,%20Y.%20(2007)%20The%20borrowability%20of%20structural%20categories.pdf). Acesso em: 11 jun. 2022.

PEDERNEIRA, Isabella Lopes; AQUINO, Rafaela do Nascimento Melo; LEMLE, Miriam. Análise de empréstimos sob a ótica da Morfologia Distribuída. *Revista Diadorim*, v. 23, n. 2, p. 509-529, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/40799/25030>. Acesso em: 12 jun. 2022.

SCHER, Ana Paula. Morfologia Distribuída: formação de palavras na sintaxe. In: FIORIN, J. L. (org.). *Novos caminhos da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2017. p. 37-60.

Artigo recebido em 3 de dezembro de 2021.

Artigo aceito em 26 de fevereiro de 2022.